

Fiteiros: Tudo que é bom presta. Um estudo sobre a vivência do espaço urbano sob a ótica do comércio informal à luz da semiótica peirceana

Tsuey Lan BIZZOCCHI¹

Brenda Moraes de BRITO²

Giovanna Farias SANTOS³

Icaro Benjamin Telles Arruda SCHMITZ⁴

Maria Carolina Maia MONTEIRO⁵

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

Fiteiro é uma modalidade típica do comércio informal pernambucano que se ajusta aos contornos das ruas do Recife, utilizando a estrutura física de uma banca de revistas de espaço bastante reduzido para abrigar toda sorte de produtos e prestação de serviços. O presente artigo traz um relato de experiência do projeto Fiteiros, cuja proposta foi construir uma narrativa fotográfica retratando alguns desses espaços de comércio informal a partir de conceitos básicos da teoria semiótica de Charles Sanders Peirce, utilizando ainda reflexões recorrentes na cidade do Recife acerca das intervenções nos relevos da paisagem urbana, suas intencionalidades e reflexos no contexto da apropriação dos espaços pelos indivíduos e as relações entre o sujeito e a rua, constituídas a partir dos seus usos cotidianos.

Palavras-chave

Fiteiro; fotografia; espaços urbanos; comércio informal; semiótica peirceana.

1. Espaços urbanos, fiteiros e seus sentidos compartilhados

A paisagem urbana se modifica, expande ou contrai continuamente em função dos usos que lhes atribuem seus moradores. É o caso, por exemplo, das vias públicas, espaços de passagem frequentemente apropriados por comerciantes informais, oferecendo para alguns a oportunidade de consumir um produto ou serviço ali mesmo, mas, para muitos, configurando-se apenas como obstáculos para seu deslocamento pela rua ou calçada.

¹ Líder do trabalho, estudante de Graduação 3º. semestre do Curso Superior de Tecnologia em Fotografia da UNICAP, e-mail: aconsuelo@gmail.com

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso Superior de Tecnologia em Fotografia da UNICAP, e-mail: moraesbrenda82@gmail.com

³ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso Superior de Tecnologia em Fotografia da UNICAP, e-mail: giovannafarias99@hotmail.com

⁴ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso Superior de Tecnologia em Fotografia da UNICAP, e-mail: icarobenzamin@gmail.com

⁵ Orientadora do trabalho. Doutoranda em Design pela UFPE e professora do Curso Superior de Tecnologia em Fotografia da UNICAP, e-mail: carolinamonteiro2001@hotmail.com

Uma das intervenções mais comuns nas vias do Recife é o fiteiro, construção tipicamente pernambucana e exemplar genuíno da gambiarra. Misto de banca de revistas, loja de conveniências, lanchonete, bar, ou mesmo abrigo para prestadores de pequenos serviços, como sapataria e chaveiro, o fiteiro é uma forma de comércio de rua que se ajusta aos contornos da metrópole, encaixando-se pelas calçadas frequentemente mal conservadas e sujas.

Por fora, uma estrutura semelhante à de uma banca de revistas, em geral construída com lâminas metálicas, cimentada na calçada e frequentemente acrescida de “puxadinhos” que vão sendo anexados ao espaço ao sabor das necessidades do dono.

Por dentro, no entanto, os fiteiros guardam pouca ou nenhuma semelhança com a banca tradicional. Espaços reduzidos que abrigam toda sorte de produtos, como alimentos, bebidas, cigarros, utilidades domésticas e de higiene pessoal e até produtos eletrônicos, todos pendurados, equilibrados em pequenas prateleiras ou dispostos em apêndices improvisados. Muitos dos fiteiros têm suas fachadas pintadas de cores fortes, como o amarelo ou o azul royal, e alguns são tão personalizados que por pouco não perdem a alcunha de fiteiro.

Esse foi o ponto de partida para o projeto Fiteiros, desenvolvido na disciplina Fotografia e Semiótica, do curso de Fotografia da Universidade Católica de Pernambuco e que se propôs, ao aproximar-se do território imagético dos fiteiros, construir uma narrativa visual pautando-se em conceitos da Teoria Semiótica de Charles Sanders Peirce, particularmente no que se refere às partes integrantes do signo - seus objetos e interpretantes dinâmico e imediato – e na forma de classificação do signo a partir de seu objeto: ícone, índice e símbolo, apresentados por Lúcia Santaella em *A teoria Geral dos Signos* (São Paulo, 2000), e *Imagem: cognição, semiótica, mídia* (São Paulo, 2013) e por J. Teixeira Coelho Netto em seu livro *Semiótica, informação e comunicação* (São Paulo, 2001).

Nesse sentido, a Teoria Geral dos Signos desenvolvida por Pierce, torna-se ferramenta essencial na condução da leitura dos fiteiros como linguagem, e arcabouço teórico responsável pelo fazer fotográfico conduzido a partir da necessidade de transmitir signos representativos desses territórios. Neste contexto, o arcabouço teórico foi utilizado como ponto de partida para a construção da exploração narrativa do projeto, e não como ferramenta de análise, como normalmente se aplicam os conceitos da semiótica peirceana.

2. Semiótica, políticas públicas e as raízes sociais do comércio informal

Para aprofundar-se na realidade dos fiteiros e transmiti-la através de imagens fotográficas, o trabalho fundamentou-se em pesquisa bibliográfica, levantamento de dados junto à Prefeitura da Cidade do Recife, pesquisa de campo, com visitas aos fiteiros da região central da cidade, conversa com os comerciantes, escolha dos fiteiros (usando como parâmetros os elementos comunicacionais mais significativos dentro da proposta de leitura através da teoria semiótica), registro fotográfico em si e posterior descrição semiótica.

Em relação às políticas públicas destinadas à regulamentação dos fiteiros, segundo Márcio Marcelo, funcionário da Diretoria Geral de Coordenação e Controle Urbano e Ambiental do Recife, DIRCON, em agosto de 1986 entrou em vigor a Portaria nº 402, que “dispõe sobre o licenciamento para instalação de fiteiros na cidade do Recife”, ainda sob responsabilidade da Empresa de Urbanização do Recife - URB.

A portaria, em seu artigo 1º, apresentava os fiteiros como “armários destinados a expor e proteger mercadorias em suas prateleiras” e regulamentava sua localização nos passeios públicos, forma de instalação, dimensões máximas (profundidade: 0,50m; largura: 1,20m; altura:2m) e previa inclusive a obrigatoriedade de lixeira e a proibição de adendos “para exposição, venda ou guarda de mercadorias”.

Essa legislação, ainda que bastante simplificada, dava alguns parâmetros fundamentais para a atividade dos fiteiros, mas isso não impediu que fossem feitas “gambiarras” que, segundo Márcio, acabavam por prejudicar o trabalho da Prefeitura, no sentido de extrapolar tanto as instalações físicas quanto as próprias atividades exercidas no ponto comercial. Isso culminou com a suspensão das autorizações para instalação de novos fiteiros, através da Circular Interna nº 545 de 2001, e desde então, apenas os fiteiros já instalados podem continuar atuando nas calçadas da cidade.

Dentro da pesquisa bibliográfica, conceitos básicos da semiótica de Pierce como o de objeto dinâmico que, segundo Santaella, é aquilo que provoca o signo (2000, p.40) e para Teixeira Neto é “uma representação real do objeto tal como é possível obtê-la através do estudo definitivo de que fala Peirce.” (2001, p.69) nortearam o fazer fotográfico, assim como a definição de objeto imediato, primeira representação mental da correspondência entre signo e objeto (SANTAELLA, 2000, p.40), ou, como define Teixeira Neto, “aquilo que se supõe que um objeto é” (2001, p.69). Interpretante

imediatamente Santaella define como a “possibilidade de interpretação ainda em abstrato, ainda não realizada: aquilo que o signo está apto a produzir como efeito numa mente interpretadora qualquer.” (2000, p.72) e o interpretante dinâmico, por sua vez, “É o efeito efetivamente produzido pelo signo num ato de interpretação concreto e singular” (SANTAELLA, 2000, p.73).

Num outro extremo da busca de referencial teórico, a tese de doutoramento *A aventura do comércio informal no Recife*, de Maria do Socorro Pedrosa de Araújo, forneceu dados relevantes acerca do comércio informal de mercadorias, definido por ela como um “conglomerado amplo e heterogêneo de atividades urbanas que absorvem um contingente considerável de trabalhadores – os trabalhadores informais – e do qual o Comércio Informal de Mercadorias é parte integrante.” (ARAÚJO, 2014, p.18)

Apesar de não trabalhar especificamente com a questão dos fiteiros, o estudo tem especial relevância por analisar o comércio informal - como um todo - sob o viés sociológico, como pontua a autora, distanciando-se das linhas de pesquisa tradicionais que investigam apenas suas raízes econômicas e que “em geral se reportam à forma como se desenvolveu o capitalismo periférico, trazendo à tona as questões ligadas ao desemprego, aos custos da formalização (taxas, impostos, investimentos em equipamentos e mercadorias para estoque), a baixa qualificação da força de trabalho, à complementação salarial etc.” (ARAÚJO, 2014, p. 22).

Essa abordagem prioriza o contexto social e cultural que circunda o ambiente dos fiteiros, como a questão de suas origens históricas. Segundo a autora, o início do comércio de rua remonta ao período colonial, onde mascates, os mercadores ambulantes estrangeiros, mais os escravos alforriados e brancos pobres já se colocavam nos passeios públicos prestando serviços ou ofertando quitutes e artigos manufaturados, todos em busca não só de subsistência, mas num sentido mais amplo, de uma libertação dos sistemas de exploração da mão de obra e das relações servis do trabalho formal, justificativa que se mantém até hoje para a adoção do comércio informal como atividade profissional, o ‘deixar de trabalhar para um patrão e trabalhar para si mesmo’ como afirmam os próprios comerciantes, e que em especial na região de Recife e Olinda foi marcada historicamente pelas relações de trabalho e de poder em torno da produção canavieira.

Nas décadas mais recentes, Araújo aponta, seguindo a teoria de Paulo Renato Souza, alguns motivos para a expansão das atividades informais na América Latina,

como o reduzido ritmo do crescimento na oferta de emprego, o aumento da oferta de mão de obra, sobretudo no período pós-guerra, o aumento do fluxo migratório para os centros urbanos e afirma que “Como resultado disso, o excedente dessa crescente força de trabalho, que não conseguiu espaço nas empresas organizadas, foi levado a criar os seus próprios meios de sobrevivência.” (SOUZA apud ARAÚJO, 2014, p.19).

Olhando mais especificamente para a postura do pernambucano em relação ao trabalho informal, segundo a autora, diferente da visão pejorativa acerca dos ambulantes, em geral a população aprova a presença dos fiteiros nas ruas do Recife, atribuindo-lhes uma espécie de papel de vigilantes naturais da rua, o que acaba por proporcionar uma sensação de relativa segurança, experimentada inclusive pela equipe enquanto fotografava nos arredores dos fiteiros. Esse sentido é corroborado pelo fato de o comerciante, em geral, estar estabelecido há bastante tempo no local e conhecer os arredores de seu fiteiro, sabendo, segundo relatou um dos comerciantes, “quem é daqui da região, quem é de fora, quem é perigoso, quem não é”. Outro comerciante reforça essa confiança depositada pelos clientes quando diz que “aqui todo mundo me conhece, ninguém mexe com quem está aqui no meu fiteiro não”.

Nas várias visitas aos fiteiros, em diferentes horários, pudemos vivenciar recortes da rotina e do universo desses pontos de comércio informal, e só após estarmos familiarizados iniciamos a etapa de registro fotográfico.

3. Processo de construção das imagens

Partindo dos referenciais teóricos levantados e conhecendo algumas particularidades da paisagem urbana onde o fiteiro está inserido, o trabalho de recorte do objeto começou com reflexões acerca dos temas centrais e transversais à questão do comércio informal e como este conteúdo seria transformado em imagens.

Uma das questões surgidas durante o trabalho foi se o território ocupado pelo comerciante do fiteiro traz consigo algum sentido especial, ou se representa apenas a alternativa com a qual consegue assegurar sua subsistência.

O que percebemos, ao longo do convívio com nossos personagens, é que o fiteiro é, mais do que um emprego informal, o lugar, dentro do centro urbano, onde o sujeito consegue criar vínculos afetivos com as pessoas e com a própria cidade, legitimando seu espaço no contexto de um território cada vez mais assombrado pela violência e invisibilidade das minorias.

A rua, para o dono do fiteiro, deixa de ser um ambiente hostil e de passagem para se tornar o lugar de encontros, de convivência e até amizade, em alguns casos. Sua rotina é recortada continuamente por cumprimentos aos transeuntes, que às vezes apenas retribuem, outras vezes param seu trajeto para efetivamente conversar com o comerciante, mesmo que nem cheguem a consumir nenhum produto da barraca. Aliás, parte do movimento do fiteiro é, justamente, de gente que só se chega para prostrar, falar de futebol, de política ou de alguma novidade envolvendo algum conhecido da área.

Essa relação entre o comerciante, seus clientes e a rua, é construída através da vivência e acaba sendo impressa também na superfície do fiteiro, através das marcas que ele vai adquirindo – índices, sob a ótica de Peirce -, reflexos do contexto em que está inserido, das intervenções resultantes de seu uso e dos signos que vão sendo incorporados à medida em que a relação triádica vai se estreitando. Quanto mais antigos, mais marcada é a “pele” dos fiteiros, numa colagem composta por cartazes, *grafittis*, anotações dos donos, peças decorativas, recortes de jornais, artigos religiosos e, claro, as próprias embalagens dos produtos.

Nossa opção foi abordar o olhar sobre a cidade a partir dessas relações, através da linguagem fotográfica em preto e branco, que remete de imediato a um contexto urbano, além de potencializar a leitura das relações entre os elementos em detrimento das cores diversas que povoam o interior dos fiteiros. Selecionamos três fiteiros, todos na região central do Recife, com propostas comerciais distintas, e partimos para delimitar o que iríamos destacar em cada um.

O fiteiro de Seu Gil, na Praça da Independência, também conhecida como Pracinha do Diário, no bairro de Santo Antônio, oferece cigarros, bombons, alguns itens de higiene pessoal, mas o carro-chefe é o que dá nome ao seu ponto, na praça há cerca de 28 anos: o cafezinho do Gil. Na praça reúnem-se senhores para jogar dominó à tarde, comerciários na pausa do expediente, ambulantes e pedestres que, segundo relatos dos próprios clientes, escolhem o café de Seu Gil pela qualidade do produto. Alguns, no entanto, vão mesmo é pela conversa. O fato é que o fiteiro é muito frequentado e, desta forma, escolhemos retratar esse clima de convívio social em torno do café.

Já o fiteiro de Seu Everaldo Cabral, ou Seu Carlos, como ele mesmo se apresenta “antes de saber se pode confiar na pessoa”, é uma grande brincadeira. Chaveiro por profissão, e naquela área há 40 anos, ele fez de seu fiteiro um verdadeiro ponto turístico em frente à Igreja da Soledade, no centro da capital pernambucana,

decorando-o com frases cheias humor e de erros ortográficos propositais, que servem para entreter os fregueses e curiosos. Por dentro, o fiteiro é um convite à curiosidade, com chaves por todos os cantos e criações inusitadas do comerciante. Nesse caso, a proposta foi relacionar o personagem à sua obra, e contextualizar o ambiente em que se encontra.

Por fim, o fiteiro de Daciel Gomes, ou Caldácio, nome que aparece na fachada da banca, junto com a frase “Tudo que é bom presta”, na esquina da Rua da Saudade com a Rua do Riachuelo, na Boa Vista, é uma verdadeira galeria a céu aberto. Reduto esporádico de artistas, além dos comerciários em final de expediente e conhecidos, o fiteiro oferece bebidas alcoólicas e comidas preparadas no local pelo dono. O comerciante chega de manhã ao fiteiro, em sua lambreta apelidada por ele de Besouro Negro, e começa a rotina diária pendurando pelas paredes do “anexo” do seu estabelecimento (área externa ao fiteiro, coberta com telhas e margeada pelo muro da esquina) imagens emolduradas que compõem verdadeiro referencial imagético da sua personalidade. Nesse caso, decidimos por priorizar a relação de Dácio com a rua e com esse turbilhão de imagens que compõem o seu ambiente de trabalho e que refletem suas convicções e história de vida.

4. Olhar semiótico sobre as fotografias

A seguir, trazemos parte das fotografias produzidas no trabalho e a análise segundo a teoria dos signos de Peirce. Todas apresentam como objeto dinâmico a característica de serem fotografias em preto e branco integrantes do projeto fotográfico que retrata o universo dos fiteiros no centro do Recife.

4.1 Fotos do fiteiro “Cafezinho do Gil”



Foto 1. Seu Gil indica um caminho



Foto 2. Repentista tomando café



Foto 3. Close de Seu Gil



Foto 4. Seu Gil e um cliente

Foto 1. Seu Gil indica um caminho

A fotografia em preto e branco tem composição em plano geral enquadrando desde os objetos que se encontram dispostos no chão (botijões de água mineral, lixeira, caixas, saco plástico e um banco) até o telhado do fiteiro e folhas de uma árvore. No centro da imagem um homem com o braço estendido aponta uma direção para outro

homem, que observa sorrindo. Grande profundidade de campo que abrange desde o banco em primeiro plano até calçados expostos numa banca que aparece no plano posterior, são características que definem o objeto imediato da imagem. Podemos identificar, ainda, o desenho de uma xícara na placa do fiteiro como ícone do produto e índice do que é oferecido na barraca, além dos rótulos dos produtos, todos funcionando como símbolos na fotografia.

A imagem retrata o fiteiro como uma referência, um reduto seguro em meio ao caos da cidade. O comerciante, à vontade em seu território, não se furta a atender de forma atenciosa. O gesto de Seu Gil indica essa receptividade na relação com sua clientela e o sorriso do cliente reforça o caráter indicial de cordialidade, assim como o banquinho em primeiro plano, oferecendo um convite ao ficar, a despeito do lugar de passagem.

Foto 2. Repentista tomando café

Fotografia em preto e branco em plano médio contra plongè, onde figuram um homem de pé em primeiro plano, à esquerda, bastante iluminado pela luz do sol, e em segundo plano mais afastados, dois homens de costas para a câmera e de frente para o fiteiro, ao fundo. As embalagens de cigarro surgem como símbolos, e um grande saco de pipocas pendurado na ponta do telhado do fiteiro, bem claro, indica que o produto é vendido no fiteiro, numa oposição à área sombreada onde estão os personagens ao fundo. O homem em primeiro plano, de chapéu de couro típico do sertão nordestino, carrega nas costas um violão e nas mãos uma gaita, o que indica ser um repentista, artista popular.

Podemos ler nessa imagem que o fiteiro é lugar de encontros, de personagens inusitados e expressão genuína da gente nordestina e o repentista de semblante alegre para pra tomar café enquanto é banhado pelo sol quente do Recife.

Foto 3. Close de Seu Gil

Temos, no 1º plano desta imagem, um homem de perfil, desfocado, usando boné e sorrindo. Seu Gil, o dono do fiteiro, sorri e olha em frente, simbolizando sua postura diante da vida, seguindo em frente de bom humor. Apesar de ser o personagem no 1º plano, Seu Gil não é o protagonista, já que este é o próprio fiteiro, grande, denso, ao fundo, e que se sobrepõe duramente à própria figura do dono. Em 2º plano, as prateleiras que compõem o interior do fiteiro encontram-se em foco, conduzindo o olhar e indicando que o tema da foto é o fiteiro em si. Nesse 2º plano, grandes massas escuras

e a composição geométrica formada pelas embalagens de cigarros, pastilhas e outros produtos contrapõem-se ao contorno desfocado do personagem em 1º plano. Os produtos são índices do que é comercializado na barraca, e seus rótulos assumem o papel de símbolos na imagem.

Ainda em 2º plano, vemos uma placa em que se lê “Cafezinho do Gil”. A xícara de café desenhada apresenta-se como um ícone, o texto e os preços gravados na placa são símbolos linguísticos que indicam o comércio do produto no estabelecimento, e o imã que fixa a placa no fiteiro é um índice da improvisação peculiar ao comércio informal.

Foto 4. Seu Gil e um cliente

Nesta foto temos um plano americano, onde identificamos dois homens em primeiro plano com fundo desfocado, e um detalhe à esquerda que remete a um fragmento do fiteiro. O gesto da entrega do dinheiro indica uma relação comercial, assim como a calçada e as pessoas ao fundo indicam que se trata de um comércio de rua. O dinheiro aparece ainda como um símbolo e a imagem retrata um sentido de confiança e cordialidade reforçada pela expressão sorridente de Seu Gil.

4.2 Fotos do fiteiro “Caldácio”



Foto 5. Dácio e a Vênus



Foto 6. Bar fechado



Foto 7. Dácio no asfalto



Foto 8. Bar fechado

Foto 5. Dácio e a Vênus

A composição mostra alguns carros estacionados na Rua da Saudade, além de árvores, prédios e uma transeunte, tendo como foco o dono do fiteiro, que se encontra apoiado na barraca, onde vemos pendurados objetos variados que servem como adorno e expressam suas preferências e ideologias. A profundidade de campo é grande e abrange desde o assunto principal retratado até detalhes em segundo plano e os prédios ao fundo, características que configuram seu objeto imediato. Vemos ainda a fotografia do político pernambucano Eduardo Campos, ícone da figura do homem público, que funciona também como símbolo de uma postura política específica. Já o quadro com uma reprodução da pintura O Nascimento da Vênus, um ícone da pintura, da obra em si, pode ser lido também como símbolo de erudição.

A garrafa de *whisky* e o copo que se encontram no balcão da pia atrás de Dácio são índices de que ele comercializa ou consome bebidas alcóolicas no local, além da rua que aparece como índice de que se trata de comércio de rua.

O gesto de Dácio, apoiado em seu negócio e olhando além, traz toda a simbologia de sua postura em buscar uma saída através do trabalho no fiteiro, e as paredes carregadas de imagens como referências estéticas, demonstram a necessidade de explicitar suas afinidades e escolhas diante da vida, ato reproduzido exaustivamente nas redes sociais onde o indivíduo expõe publicamente suas escolhas estéticas, políticas, sociais, enfim. Podemos reconhecer, ainda, outros símbolos presentes na imagem, como o anel de caveira, símbolo de uma postura agressiva relacionada ao rock, ou o gesto de olhar para o céu simbolizando a reflexão sobre o futuro.

Foto 6. Bar fechado

Grande profundidade de campo em plano geral numa composição que mostra três fiteiros, sendo um maior grafitado em destaque, no 1º plano, outro menor em 2º plano, e um último no fundo, dando grande noção de perspectiva. Vários outros elementos visuais surgem como índices de um espaço urbano, como prédios, fios e postes, uma antena, placas de trânsito e prédios na porção direita da imagem, em contraste com a porção esquerda, onde vemos apenas árvores por trás de um muro grafitado, indicando um terreno sem construções em meio à cidade, além de restos de material de alvenaria na calçada indicando a retirada de uma estrutura do local, provavelmente outro fiteiro. Podemos reconhecer, ainda, placas de trânsito, e um cartaz lambe-lambe colado no fiteiro com símbolos linguísticos.

A imagem sintetiza os contrastes da metrópole, que mantém prédios, antenas e grandes terrenos arborizados no mesmo território, e o fiteiro aparece protagonizando o uso desordenado dos espaços públicos.

Foto 7. Dácio no asfalto

No enquadramento temos um fiteiro, a calçada, um muro grafitado, árvores, fios, uma placa e prédios. A profundidade de campo é grande e mostra desde o homem em primeiro plano que está com os cotovelos apoiados no asfalto olhando diretamente para a câmara, até um prédio num plano posterior. No balcão do fiteiro, diversas esculturas, e abaixo dele uma grande massa clara, recortada por um poste e com um pôster colado sobre a superfície. À esquerda, uma área escura remete a um salão onde um conjunto de cadeiras empilhadas indicam que o bar acabou de abrir, ainda não recebeu clientes, ou está fechando e na parede vemos vários quadros, como um retrato de Dácio, ícone da pessoa retratada. As imagens fixadas nas paredes são referências que indicam o perfil do comerciante quanto às artes, o cinema e a poesia e o asfalto logo à frente é índice de que se trata de comércio de rua.

Dácio, ao colocar-se deitado na rua, simboliza um sentido de liberdade e conexão com a rua, onde trabalha diariamente, alheio a qualquer possibilidade de perigo ou constrangimento.

Foto 8. Dácio e a caveira

No enquadramento em meio primeiro plano, um homem aparece em destaque, com cabelos rastafári e segurando uma escultura de caveira na mão esquerda. A mão direita tem o indicador apontado para a caveira e olhar fixo na escultura. Em 2º plano, um balcão e sobre ele esculturas figurativas icônicas. Ao fundo, a parede coberta por quadros, imagens, placas, fotografias, também ícones, e mais acima uma prateleira com garrafas de bebidas, índices de que se trata de um bar, formando um mosaico complexo com texturas, cores e formas. Todo o quadro encontra-se focado, permitindo que possamos identificar cada detalhe e reforçando a ideia de complexidade. O cabelo rastafári é símbolo indicial da cultura jamaicana, a figa no balcão é símbolo de proteção, o crucifixo é símbolo da religiosidade católica, as placas com nomes de lugares do mundo simbolizam o desejo de viajar pelo mundo, uma reprodução de uma santa ceia representada por astros pop é um símbolo religioso apropriado pela cultura pop, a caveira como símbolo da morte.

Descrevendo o interpretante dinâmico, Dácio, o dono do fiteiro, com um gesto inquisidor questiona a morte, representada pela caveira, numa referência ao príncipe Hamlet da Dinamarca, personagem da tragédia de Shakespeare atormentado pela dúvida e que quer vingar a morte do pai. A fotografia representa os questionamentos de Dácio que, assim como Hamlet, padece com suas inquietações como alcoólatra e dono de bar, frente ao fascínio e desafio diário de sua profissão, resgatando a dúvida trágica do “ser ou não ser”.

4.3 Fotos do fiteiro de Seu Everaldo, o chaveiro



Foto 9. O chaveiro e a construção

Foto 9. O chaveiro e a construção

Fotografia em preto e branco, em plano geral, com grande profundidade de campo e um enquadramento que contempla um cartaz com um projeto arquitetônico de um prédio, a construção ao fundo, o fiteiro e uma grande árvore como uma mancha escura que divide a imagem, protegendo o fiteiro do entorno. A chave desenhada na parede do fiteiro é um ícone e indica que o fiteiro abriga um chaveiro, assim como o texto, símbolo linguístico que reforça a informação. Placas e farol de trânsito também se apresentam como símbolos e indicam tratar-se de uma via pública.

Podemos ler na imagem um contraste, presente, passado e futuro, que remete a alguns questionamentos recorrentes nas grandes cidades: qual o futuro das antigas construções frente à esmagadora pressão dos grandes empreendimentos, que as vão

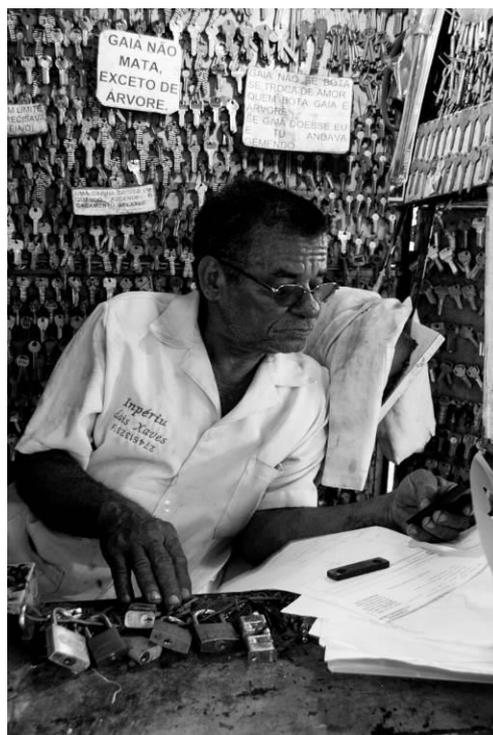


Foto 10. Seu Everaldo, o chaveiro

empurrando para a margem o vestígio vernacular resistirá a mais um gigante da construção civil? Qual a influência que sofrerá o fiteiro, após a conclusão do prédio, para que saia da frente do grande empreendimento?

O ritmo acelerado de produção e consumo nas grandes metrópoles vem precarizando a atitude de contemplação da paisagem urbana, e a relação do indivíduo com sua cidade vai se tornando cada vez mais mediada por uma estética pasteurizada, reiterada por um regime de consumo cada vez mais voltado para os grandes empreendimentos, distantes da poética desordenada peculiar dos centros urbanos.

Foto 10. Seu Everaldo, o chaveiro

A Fotografia em preto e branco apresenta plano médio, com um homem de jaleco branco olhando um celular e papéis espalhados no balcão, onde vemos também uma série de cadeados presos a um arame. Atrás dele, em 2º plano, uma parede recoberta de chaves, índices da atividade exercida, e alguns cartazes com ditos populares, símbolos linguísticos. A grande mancha branca formada pelo jaleco e os papéis, faz oposição ao fundo, mais escuro e muito detalhado.

As chaves, símbolos de segredo e do universo particular, estão lá expostas, assim como as inovações linguísticas criadas pelo comerciante, ambos elementos do uso público que ele manipula e dá forma como invenções próprias – chaves e palavras nascem em suas mãos. Interpretante imediato: O homem mergulhado em seu universo, dominando os segredos e mistérios que o cercam.

5. Considerações Finais

Armários destinados a expor e proteger mercadorias em suas prateleiras. Para a Prefeitura da Cidade do Recife, e provavelmente para boa parte da população da cidade, essa é uma definição razoável para o fiteiro, um lugar cravado na calçada e abarrotado de miudezas, necessárias - ou não – para os pedestres apressados. E foi com essa imagem pré-concebida que partimos para uma descoberta do real sentido dos fiteiros para seus donos, seu público e para a rua em que eles estão inseridos.

O grande desafio do projeto foi, em certo sentido, pensar os signos antes do fazer fotográfico, buscando representar o real através de signos reconhecidos previamente como tais, num caminho pouco usual dentro do processo da análise semiótica que se vale, em geral, de fotografias anteriormente concebidas.

Apoiados pelo instrumental teórico, partimos de uma visão prévia e simplista do fiteiro como comércio de rua que atende a uma demanda bastante específica (a

necessidade emergencial de quem circula pela cidade a pé) – para um novo olhar sobre o universo do comércio informal, um lugar de significações mais amplas, de natureza emocional e carregado de receptividade e de laços afetivos. E daí para o processo criativo de elaborar a fotografia a partir dos signos que ela deveria carregar intrinsecamente.

Nesse sentido, o universo dos fiteiros é bastante generoso pois, como apresentamos anteriormente, cada um desses microcosmos particulares dentro do espaço público guarda em si camadas de significação que estão lá apenas à espera de quem as garimpe. Coube a nós a tarefa de selecionar os elementos sógnicos que iriam compor uma narrativa imagética consistente acerca daquele território, daqueles personagens e daquele recorte do real.

Retornando à tese *A aventura do comércio informal no Recife*, recorreremos à teoria do geógrafo Yi-Fu Tuan apresentada por Araújo sobre espaço e lugar para refletir sobre a relação do comerciante informal com o lugar que lhe cabe na cidade. Segundo Araújo, Tuan define “o lugar como uma porção do espaço em relação ao qual se desenvolvem afetos, a partir da experiência individual ou de grupos sociais. Para Tuan, o lugar é uma área que foi apropriada afetivamente, e foi essa apropriação que transformou um espaço indiferente em lugar” (TUAN apud ARAÚJO, 2014, p. 117).

Seguindo as reflexões de Tuan, podemos dizer, finalmente, que a partir de nossa experiência, o fiteiro deixa de ser apenas um espaço para se tornar um lugar, uma pausa para um bom café, ótimas conversas e imagens carregadas de valores subjetivos.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Maria do Socorro Pedrosa de. *A aventura do comércio informal no Recife*. Recife: o autor, 2014.

COELHO NETTO, J. Teixeira. *Semiótica, informação e comunicação*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. *A teoria Geral dos Signos*. São Paulo: Pioneira, 2000.

SANTAELLA, Lúcia. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1997, 6. reimp., 2013.